



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

## **REVOLTAS REGENCIAIS BRASILEIRAS: APRENDIZAGEM HISTÓRICA PRODUZINDO CHARGES COM ALUNOS DE 3º ANO EM ESCOLA PROFISSIONALIZANTE.**

Francisca de Jesus Lima<sup>1</sup>

Busca-se com este artigo, analisar as possibilidades de produção de charges no ensino de História, para uma efetiva aprendizagem histórica sobre Revoltas Regenciais Brasileiras (Balaiada, Sabinada, Cabanagem e Farroupilha), trabalhando com alunos do 3º ano do ensino médio profissionalizante integral da Escola Estadual de Educação Profissional José Vidal Alves em Canindé-CE. A pesquisa se justifica na experiência docente da autora em março de 2024, onde era constatado em sala de aula, um desinteresse por parte dos alunos em acompanhar 03 horas/aulas expositivas seguidas da disciplina de História. Nesta realidade, questiona-se, como o professor pode ensinar Revoltas Regenciais do Brasil utilizando a produção de charges para tornar a aprendizagem histórica mais significativa ao estudante. Baseando-se em conceitos como ensino e aprendizagem histórica, utilizando metodologias ativas e o debate da História Nova, com a interdisciplinaridade do gênero textual charge, construímos esta pesquisa. Finalizando o trabalho, com a análise dos resultados de aprendizagem obtidos a partir das charges produzidas pelos alunos sobre a temática de sua equipe. Avaliando o processo de ensino e aplicação da atividade, percebendo quais as dificuldades e dúvidas encontradas pelos estudantes na produção. Se conseguiram entender o conteúdo e expressá-lo em forma de charge.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Aprendizagem Histórica. Charge. Metodologia Ativa. Revoltas Regenciais.

### **1 INTRODUÇÃO**

Como tornar as aulas de História mais interativas? Esta é uma pergunta que nem sempre o professor consegue responder facilmente. Deparando-se com este questionamento ao planejar aulas sobre o Período Regencial brasileiro, para uma turma de terceira série do ensino médio foi visualizada uma aula teórica-expositiva com os tópicos principais do tema, incluindo cada revolta regencial ocorrida, porém, ficaria uma aula exaustiva e talvez até desinteressante para os adolescentes.

Com este desafio didático, surgiu a ideia de utilizar as charges, gênero textual já utilizado no ensino em muitas salas de aula brasileiras porém, nas aulas de História, nem sempre foi visto o seu potencial crítico pedagógico para serem aproveitadas em determinados conteúdos, seja na análise das mesmas ou em sua produção.

Como afirmou Gonçalves “Fazer uso da charge como ferramenta de ensino, é permitir a abertura de um debate crítico e uma reflexão sobre a própria existência do discente enquanto sujeito histórico,[...]”(Gonçalves, 2019, p. 33) Portanto, ensinar História através do olhar, de imagens, com charges, são métodos eficazes para uma aprendizagem histórica significativa podendo facilitar o processo de aprendizagem, pois exige do aluno sua atenção e o desenvolvimento de sua análise crítica.

Desta forma, é necessário pesquisar as potencialidades da utilização de elementos imagéticos para ensinar os alunos conteúdos longos e distantes temporalmente, como os conflitos ocorridos no Brasil, durante o período da Regência. Dessarte, foi realizada esta experiência na escola de ensino profissionalizante em tempo integral José Vidal Alves na cidade de Canindé - CE, com alunos do 3º ano do ensino

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestranda do ProfHistória da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço eletrônico: frandjesusnet@gmail.com



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

médio, do curso de Administração.

É importante destacar que nas aulas – mais precisamente 06 horas-aulas de 50 minutos cada – as quais se trabalharam o Período Regencial foram utilizadas as seguintes metodologias didáticas: a aula expositiva sobre aspectos políticos da Regência, e por fim, a metodologia ativa, com realização de pesquisa sobre Revoltas Regenciais, produção e apresentação de charges pelos estudantes.

Esta estratégia objetiva analisar as possibilidades de produção de charges no ensino de História, para uma efetiva aprendizagem histórica sobre os movimentos revoltosos (Balaiada, Sabinada, Cabanagem e Farroupilha), no ensino médio profissionalizante. Justificando-se na experiência profissional docente da autora em março de 2024, onde era constatado desinteresse por parte dos alunos em acompanhar 03 horas/aulas expositivas consecutivas da disciplina.

Nesse sentido, buscar a ligação dos conteúdos históricos com a realidade atual dos alunos, para que haja uma melhor compreensão do conhecimento histórico deveria ser o objetivo de todo planejamento do docente. Portanto, como o professor pode ensinar Revoltas Regenciais do Brasil utilizando a produção de charges para tornar a aprendizagem histórica mais significativa ao estudante?

Por conseguinte, é desafiador ao docente ensinar conteúdos complexos, como as revoltas regenciais em pouco tempo de aula. Desta forma, além de encontrar, muitas vezes, a desmotivação dos alunos em estudar conteúdos que estariam, para eles, somente no passado; a reflexão sobre qual método utilizar para ensinar é um exercício diário, fazem parte da autocrítica docente, que se preocupa em desenvolver um trabalho de excelência.

De acordo com o que foi explanado acima, no primeiro tópico será realizado um levantamento bibliográfico do conteúdo histórico em questão, período regencial brasileiro e suas revoltas. No segundo, será analisado o uso de charges em sala de aula, a contribuição da Nova História em considerar a charge como fonte histórica e material didático, assim como as potencialidades da metodologia ativa na aprendizagem histórica. No terceiro terá a descrição da ação docente na escola, mostrando os resultados da produção dos alunos e a avaliação dos aspectos promissores e os desafios encontrados no processo de ensino/aprendizagem histórica.

## **2 Período Regencial Brasileiro e suas Revoltas**

O Período Regencial (1831-1840) foi marcado por instabilidade política e social sem precedentes na história brasileira. Como enfatiza o historiador Eduardo Bueno (2010), a ausência de um monarca à frente do país, após a saída de D. Pedro I, a disputa pelo poder entre os grupos políticos e as precárias condições de vida da maioria da população geraram um clima propício para o surgimento de diversas revoltas em diferentes regiões do Brasil.

Portanto, mesmo o Período Regencial tendo durado menos de dez anos, fica explícito que foi um período de transformações complexas. Levando isso em consideração, o professor de história ao ensinar Revoltas Regenciais, deve ir além da mera descrição dos fatos e buscar compreender as intrincadas causas e consequências desses eventos. É necessário questionar: Quais os principais fatores que contribuíram para o surgimento dessas revoltas? Como as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018), afirmaram, a centralização do poder nas mãos das elites, discordâncias políticas, disparidades sociais, regionais e econômicas, desvalorização de militares são alguns fatores a serem considerados.

É possível identificar também estratégias diversificadas utilizadas pelos



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

revoltosos, para se organizar e lutar contra o governo, que iam desde guerrilhas em áreas rurais até ataques a cidades. A comunicação oral ou por via jornalística, a produção de panfletos e a utilização de símbolos também foram importantes ferramentas de mobilização popular. Além disso, deve-se analisar os objetivos dos revoltosos, pois cada revolta teve suas particularidades, mas em geral, os rebeldes buscavam melhores condições de vida e/ou trabalho, manutenção de privilégios, maior participação política, preservação de lucros pessoais, fim da escravidão e, em alguns casos, até mesmo a independência das províncias.

As revoltas ocorridas no período regencial mais estudadas são as maiores, como a Balaiada, a Praieira e a Farroupilha, como afirmou Basile (2004). Relegando outras como, a revolta do teatro São Pedro de Alcântara (1831) e a do 17 de abril de 1832 (ambos no Rio de Janeiro), a Setembrada (1831) e Novembrada (1831) em Pernambuco, como destacou Eduardo Bueno (2010). Dentre tantos outros levantes que, geralmente não estão contemplados no livro didático ou especificados nos documentos oficiais da educação.

Contudo, entender os impactos desses conflitos, principalmente no cotidiano sócio-político do Brasil, evidenciam as profundas desigualdades sociais existentes no país, como a miséria da população, a exploração da mão de obra e a falta de acesso à terra. No âmbito político, as revoltas enfraqueceram o governo central e fortaleceram os movimentos autonomistas das províncias. Permanecendo, entretanto, as disputas entre os principais partidos políticos do período, os liberais exaltados e moderados, e os caramurus.

Nesse contexto, a relevância deste período histórico, também se expressa nos documentos norteadores da educação, como na Base Nacional Comum Curricular para ensino fundamental (2018), na habilidade “EF08HI16: Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado” (Brasil, 2018, pg. 427). E no ensino médio, “(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.” (Brasil, 2018, p. 564).

Além do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), voltado para o ensino médio, em sua Competência Específica 05 “Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.” (DCRC, 2021, p. 316), e na habilidade 02 (EM13CHSA502) e habilidade 03 (EM13CHSA503) que enfatizam a questão da violência e a necessidade de combatê-la.

Diante do exposto, fica evidente como é imprescindível o estudo do Período Regencial e suas revoltas, marcadas pela violência e preconceitos étnicos, pois ao se colocarem no lugar dos revoltosos, os alunos podem desenvolver a empatia histórica. Sendo assim, as revoltas também demonstram que a História não é um processo linear e pacífico, mas sim resultado de lutas e conflitos sociais. Em suma problematizá-las em sala correlacionando as permanências de conflitos semelhantes atualmente, levam aos estudantes a questionarem diferentes pontos de vista sobre movimentos sociais e manobras políticas envolvidas.

Ademais, os alunos podem refletir sobre seus direitos e deveres como cidadãos e sobre a importância da luta por uma sociedade mais justa e igualitária (Bittencourt, 2008). Na formação de seu pensamento político-contemporâneo, permitindo que eles compreendam, a partir da História, as complexas relações sociais, políticas e econômicas que marcaram o Brasil Imperial e, desenvolvam uma visão crítica sobre o passado e seu presente, questionando narrativas tradicionais. Desta maneira, as revoltas



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

demonstram a importância da participação popular na construção da democracia na atual República brasileira, como afirmou Fonseca (2003).

## **2.1 Charges em sala de aula: um panorama histórico educacional**

Os elementos imagéticos estão presentes desde os primórdios da humanidade. Mesmo assim, inseri-los como fontes históricas foi um processo lento e cercado de desconfianças na historiografia. Como reiterou Ítalo Gonçalves (2019), a escola dos Annales e a Nova História, já no século XX, abriram um leque de possibilidades, se tratando do que poderia ser fonte histórica abrindo espaço para os historiadores utilizarem fotografias, cartões, a oralidade, entre outros.

As imagens são produções humanas carregadas de intencionalidades, assim como documentos escritos oficiais, portanto, essas correntes historiográficas corroboraram ao historiador utilizar também as charges como fontes históricas. Ademais, o docente que trabalha com fontes históricas em sala de aula, acaba por visualizá-las como possibilidade de potencializar a aprendizagem histórica.

Nesta perspectiva, no ambiente escolar é comum recorrer às imagens, mas no ensino de história ela não pode ser utilizada da mesma forma que em outras disciplinas. Não por uma pretensa superioridade da história, mas pela sua característica primordial de criticidade. Logo, a imagem não deve ser um instrumento didático meramente ilustrativo. Como aponta Neles Silva “o que se questiona é como as imagens são usadas na sala de aula” (Silva, 2022, p. 42). Portanto, devemos instigar os alunos a interrogá-las: “Será preciso ler e analisar a imagem, considerar o aspecto do autor, do contexto, dos discursos, das intencionalidades?” (Silva, 2022, p. 43).

O professor de História ao recorrer às imagens, mais especificamente charges, deve ter em mente que, “deve-se considerar a charge como imagens ou textos carregados de humor crítico-reflexivo, que não tem como função ser instrumento direto das aulas de história, [...]” (Cabral, 2022, p. 45). Ou seja, a charge é um gênero textual, presente no jornalismo, não foram criadas inicialmente para serem recurso didático. Por isso, muitos historiadores do século XIX, não aceitavam jornais, revistas como fontes pois afirmavam, por exemplo, a falta de rigor científico do jornalismo. Contudo, o professor de história pode adaptá-las ao ensino. Mas por que a charge? O que há nela que potencialize o ensino de história?

Como afirma Romero (2014) as charges se moldaram ao longo do tempo e, se diferenciam da caricatura, do cartum e da tirinha, pois aderiram ao aspecto cômico, podendo está atrelado a deformidades, um certo exagero, mas mantendo a criticidade, contendo em sua estrutura aspectos verbais e não verbais. Sendo assim, utilizadas no jornalismo até os dias atuais, como instrumentos de crítica sociopolítica de seu próprio tempo. Dessa forma, elas possibilitam a compreensão de uma particularidade da realidade, que geralmente expressam a opinião do autor.

Outra característica a considerar, “a charge é de rápida leitura, e, muitas vezes traz consigo inúmeras informações, cabendo ao leitor ter um conhecimento prévio sobre o assunto, para que venha a compreender a criticidade do texto”. (Gonçalves, 2019, p. 25) Esses aspectos mostram como as charges têm potencial reflexivo, que podem captar a atenção da maioria dos estudantes, imersos em tantas imagens cotidianamente, a charge traz essa familiaridade e desperta o interesse dos mesmos. Todavia, necessitam de um contexto histórico para sua melhor compreensão.

Assim, como fonte histórica a charge ao ser levada à sala de aula, merece atenção e planejamento prévio do professor. Como destacou Itamar Cabral (2022), deve-se selecionar e analisar as charges com antecedência, questioná-las e preparar



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

perguntas a serem direcionadas aos estudantes de forma organizada. “Questões como: quem produziu? Em que contexto o autor estava? Como produziu? Quais as intencionalidades? A quem fora direcionada? São apenas algumas das perguntas que devemos fazer.” (Silva, 2022, p. 55) Em suma, elas devem ser instrumentos que contribuam para alcançar os objetivos didáticos selecionados pelo docente.

A charge no ensino de história deve envolver os estudantes na aula, instigar o pensamento crítico e levá-lo a compartilhar suas opiniões com os demais. Assim como, levantar a reflexão sobre as intencionalidades do autor da charge, sobre o período e local de produção, qual a mensagem que ela repassa ao leitor, onde estariam os elementos de humor e de crítica naquela fonte, ou seja, o gênero textual não deve ser um mero entretenimento na aula, deve ser um elemento que instiga o diálogo, a discussão e a compreensão histórica.

Diante do exposto, ensinar história com auxílio de charges é proporcionar aos estudantes, além do elemento cômico, como afirma Neles Silva, é desenvolver a observação, a capacidade de comparar, entender os significados daquela fonte. Assim sendo, a charge tem intencionalidade e cabe ao professor auxiliar o aluno a identificá-la e construir a sua opinião própria sobre elas. Deste modo, o discente leva essa capacidade de análise crítica dos elementos imagéticos que encontrar em seu cotidiano.

Em suma, a charge no ensino de história como elemento imagético não é elemento confirmador de fatos históricos, ela deve ser utilizada pelo professor de modo que leve aos alunos a possibilidade de ressignificar e desnaturalizar a imagem. Inclusive, o próprio aluno pode virar um produtor de charge, virar protagonista na produção e discussão de determinado assunto do seu cotidiano. Iniciando assim, uma metodologia capaz de colocar o educando no centro da construção de sua própria aprendizagem.

## **2.2 Metodologia Ativa no Ensino de História**

Na Didática da História, há um debate frequente entre professores, questionamentos como: Quais seriam os métodos mais eficientes para uma aprendizagem histórica significativa? Como o professor de história pode abrir mão da aula expositiva e incluir dinamicidade na aula? Como sair da teoria e mostrar a aplicação prática do conhecimento histórico ao aluno? Como estimular os alunos a participarem das aulas? Por conseguinte, inicia-se o debate sobre a eficiência das Metodologias Ativas no ensino de história.

A necessidade de mudança no ensino de história, onde o aluno é agente participativo e construtor do conhecimento histórico com o professor auxiliando-o, permeia os debates sobre o Ensino de História no Brasil desde a década de 90 e a utilização das metodologias ativas no processo de ensino aprendizagem também (Caimi, 2015). Como afirmam Ana Rita Mota e Cleci T. Werner da Rosa (2018), essas metodologias visam tornar o aluno mais proativo no processo de aprendizagem. Contando com respaldo de pesquisas na área da psicologia cognitiva e das neurociências que reafirmam a sua eficácia.

Entretanto, no cenário escolar atual são numerosas as dificuldades encontradas para aplicar as metodologias ativas e se distanciar do ensino decorativo da história. Começando com a própria formação dos docentes brasileiros que, ainda carecem de maior capacitação nestas metodologias mais inovadoras, inclusivas, significativas, afastando-os do ensino mais tradicional, no qual professor é apenas um transmissor de conhecimento ao estudante, que apenas absorve e memoriza. Todavia, deve-se descartar os métodos considerados tradicionais por completo? Bittencourt afirma que “conteúdos



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

e métodos escolares tradicionais são importantes para a formação dos alunos e não convém serem abolidos ou descartados em nome do “novo.” (Bittencourt, 2008, p. 229).

Nesse sentido, faz parte do trabalho docente repensar sua didática e seus métodos, cujos são influenciados pela sociedade, pelo período histórico em que estão inseridos. Assim, refletir as metodologias ativas tem ganhado destaque nas últimas décadas, fruto principalmente da necessidade de renovação do ensino para a geração mais conectada tecnologicamente que existiu. Segundo Bittencourt (2008), deve-se ter cuidado ao renovar apenas os instrumentos - tecnológicos, de última geração - e continuar praticando métodos tradicionais, que não geram inclusive reflexão crítica, causando desinformação e alienação.

Portanto, na aprendizagem significativa o aluno é sujeito aprendente e sujeito histórico que traz para a sala de aula seu conhecimento prévio, que junto com o professor e os demais colegas constrói mais conhecimento. Nesse viés, o professor instiga, questiona, seleciona, dialoga e dá espaço de fala ao aprendiz e faz com que ele questione os problemas do seu cotidiano e do mundo ao seu redor. Dessa forma ambos produzem novos conhecimentos e maneiras de ensinar e aprender. Como afirmou Maria Lucia, “Aprender significativamente implica ressignificar, pois aprendizagem sem relação com o conhecimento preexistente, é mecânica, não significativa”. (Silva, 2021, p. 09). São exemplos de práticas de métodos ativos, que podem levar ao ensino significativo segundo Silva (2021), portfólios, simpósios, estudos de caso e fóruns.

Percebe-se que, incrementar métodos ativos não carecem necessariamente de muito tempo de aula ou esforços exacerbados pelo professor. Existem estratégias como aula expositiva dialogada, mapa conceitual, ensino com pesquisa e seminários que se encaixam bem no processo de ensino da história. Desta forma, traz o aluno para o centro das discussões e proporciona-o um maior pertencimento no ambiente escolar. Além destes, Mota e Rosa (2018), indicam o trabalho em equipe, como ação que estimula a estrutura cognitiva dos estudantes.

O aluno deve ser conduzido a refletir como aprende os conteúdos de história, perceber-se como sujeito histórico, analisar as conexões temporais e compreender as continuidades e rupturas ao seu redor ou de outros períodos históricos. É interessante que “[...] o aluno pergunte frequentemente a si próprio: “Será que estou compreendendo ou apenas memorizando?” (Mota; Rosa, 2018, p. 265). Enfim, o estudante ao compartilhar com o professor e seus colegas, os questionamentos, dúvidas, opiniões, podem facilitar as suas percepções pessoais e potencializar a sua aprendizagem histórica significativa.

### **2.3 Produção de charge numa perspectiva de aprendizagem significativa**

A prática docente exige um planejamento prévio, portanto, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre revoltas regenciais em livros de historiadores (Eduardo Bueno, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling), além de pesquisas na internet. Em seguida, foi construído o plano de aula com os seguintes objetivos didáticos: Compreender o processo político, econômico e social do Período Regencial; Avaliar a importância do Período Regencial para a construção da identidade nacional e para o desenvolvimento do Brasil.

Na proposta desenvolvida pela professora, a aula fora iniciada com o método expositivo, sobre aspectos políticos do período regencial, como as regências trina e una, os personagens envolvidos, os partidos políticos e seus ideais, alguns motins e determinações do Ato Adicional de 1834. Projetando no quadro os tópicos dos assuntos,



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

contendo ainda algumas imagens dos regentes.

No segundo momento da aula, em relação às Revoltas Regenciais, não foi realizada o repasse de informações expositivas pela professora. Os alunos foram divididos em equipes e direcionados ao laboratório de informática da escola para a realização da pesquisa dos seus respectivos temas: Cabanagem, Sabinada, Balaiada, Farrroupilha e Guerra do Paraguai (esta não será analisada neste artigo, pois foge da temática de revoltas regenciais, e foi utilizada como uma forma de adiantar o próximo conteúdo para a turma), cada equipe contendo de 08 a 09 integrantes. No final da proposta, os alunos apresentaram seu tema juntamente com uma charge, que ficaram expostas na parede da sala, como forma de reconhecimento.

Conforme Silva, “O sistema de aprendizagens de métodos e aprendizagem ativa são fundamentais para evitar repetência e oportunizar o aprendiz à própria independência e ao autofazer.” (Silva, 2021, p. 13). Dessa forma, as aulas foram sendo desenvolvidas entre os dias 04 e 11 de março de 2024. Os alunos além de pesquisarem e já terem um material de apoio personalizado pela professora, disponibilizado no *Google Classroom*, receberam a tarefa de responderem aos seguintes questionamentos: “O que foi?”, “Porquê?”, “Onde?”, “Quando?”, “Origem do nome?”, “Quais envolvidos?”, “Como ocorreu a revolta?” e “Quais consequências?”. As respostas deveriam ser expostas junto com a charge. No material disponibilizado pela educadora, também explicitava as principais características de uma charge e continha um exemplo.

No laboratório de informática, os alunos acessaram a internet para obter mais informações sobre seu tema e sobre como produzir uma charge. Além de montarem seus slides (mesmo sem ter sido exigido a produção de slides para a apresentação), utilizaram plataformas digitais, inclusive para produzir as charges. Em sequência, mesmo sendo disponibilizado folhas A4, pincéis e lápis de cor, alguns optaram pelo meio virtual. Observou-se que uma aula de 50 minutos não fora suficiente para finalizar a atividade, mesmo os alunos mostrarem-se engajados. Assim, ficou acordado na aula seguinte disponibilizar mais 50 min para finalização e, as duas aulas restantes pactuadas para a apresentação das produções.

É importante ressaltar que, essa atividade foi planejada especificamente para a turma do 3º do curso de Administração, contendo 42 estudantes, onde a professora tinha três aulas seguidas de 50 minutos cada. E, necessitava de abordagens mais dinâmicas na sua forma de ensinar, para engajar os alunos no processo de aprendizagem. Além da turma apresentar bons índices de notas acima da média em comparação com outras turmas de 3º ano da escola. Logo, os alunos já portavam muitos conhecimentos prévios de História e demonstravam autonomia nas aulas.

Em continuidade, ao longo da atividade proposta, surgiram algumas dúvidas em relação ao ato de como fazer a apresentação dos resultados, se poderia juntar respostas de perguntas diferentes, se a charge deveria ser somente desenhada ou feita on-line. Enfim, a atividade foi finalizada pelos alunos dentro do prazo planejado, por todas as equipes, com as respostas das perguntas e a produção das charges. Desta forma, as equipes apresentaram seu tema com apoio de slides e mostraram suas charges explicando o que significavam. A seguir, estão expostas as produções, o principal objeto de estudo deste artigo.

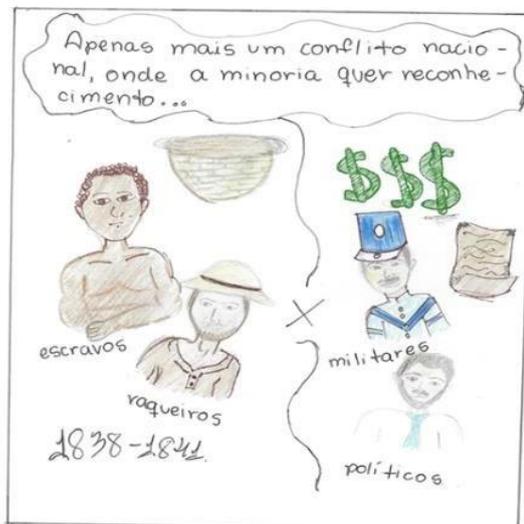


**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Figura 1 – Balaiada



"REVOLTA DA  
BALAIADA"

Fonte: Acervo pessoal (2024).

Nota-se a princípio que, a charge possui título, com pessoas retratadas – no caso os grupos sociais envolvidos na revolta em lados opostos, com trajes geralmente associados aos mesmos –, há também objetos, como o balaio do lado esquerdo (que denominou o nome da revolta e representa o ofício de um dos líderes), e do lado direito, o dinheiro, retratando a desigualdade social presente no período no Maranhão, pois o mesmo está no lado dos políticos (representando a disputa entre os partidos) e militares. Há ainda uma espécie de carta, representando o aparato legalitário do Estado.

A charge foi elaborada em fundo branco, sendo destacado a data que ocorreu o conflito, evidenciando a percepção temporal dos estudantes. A frase resume o que teria sido o conflito e apresenta a crítica central, onde se coloca a permanência de conflitos no Brasil envolvendo a classe social – que é a maioria em quantitativo – com menos participação política, a menos favorecida economicamente em busca de direitos e melhoria na qualidade de vida. Conclui-se que a produção dos alunos apresenta ligação temporal e consciência dos grupos envolvidos e seus interesses, além das questões sócio-políticas e étnicas envolvidas. Mesmo não apresentando um elemento cômico profundo, passa a ideia de continuidade desses conflitos.

Na produção da equipe da Cabanagem (figura 2) não há título, mas são retratados dois personagens, um deles representando um funcionário público, e o outro o regente do período, Diogo Antônio Feijó, revelando existência de hierarquia. O espaço retratado representa o palácio sede do governo, com elementos que expressam riqueza, como o lustre e a cadeira do regente. Não há referências temporais explicitadas, como datas. Ademais, o material utilizado foi o papel A4 e lápis de cor. No primeiro quadro fica evidente o caráter diplomático com os revoltosos, esta característica está explícita na expressão facial de Feijó e sua posição corporal. Pode-se associar que no período (1835) havia iniciado outra revolta, a Farroupilha, a qual era majoritariamente composta por membros da elite gaúcha, inclusive muitos brancos.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Figura 2 – Cabanagem



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Já no segundo quadro, a reação do regente se modifica ao saber quais grupos sociais estariam envolvidos – os que estavam a margem da sociedade, eram alvo de discriminação – e reage violentamente. Evidenciado pelas roupas militares, expressão facial e pela quantidade de armas em seu corpo, fazendo referência a forma como a cabanagem foi duramente reprimida pelas forças militares com autorização do regente, contando com aproximadamente 30 mil mortos.

Seguindo o raciocínio de Correia “[...]expressar opiniões, sentimentos, necessidades sociais de grupos, foram rechaçados, negados, excluídos e/ou aprisionados, na história da recente República brasileira” (Correia, 2014, p. 06), nesta charge, visualiza-se como ela tece uma crítica ao Estado, como ele foi e é intolerante, e na forma como reage (de maneiras díspares) às reivindicações, de acordo com os grupos sociais envolvidos. Fato ainda presente nos dias atuais na República brasileira, onde muitas vezes, o Estado não escuta as vozes da sua população que é diversificada. Portanto, a equipe conseguiu retratar o conteúdo, com certo elemento cômico.

Figura 3 – Sabinada (Primeira charge)



Fonte: Acervo pessoal (2024).



O grupo da Sabinada criou três charges, a figura 3 foi escolhida como primeira opção. O material utilizado nelas foram folha A4, lápis preto e colorido, com fundo branco. Na charge acima incluíram personagens com características corporais exageradas. Percebe-se na produção uma ligação temporal, presente-passado, onde é questionado pelo primeiro personagem o nome da revolta e traz em seguida a explicação ligada ao principal líder do movimento. Tem destacado o local, e jornais, que podemos associar a profissão do líder, que além de médico e professor atuava no jornalismo.

Percebe-se como fator surpreende a forma como Sabino foi retratado em sua vestimenta, quebrando padrões das pinturas existentes sobre o mesmo, geralmente o retratando com vestes militares. Na charge, no entanto, ele é mostrado com roupas despojadas e de óculos, fugindo de um militar, evidenciando o elemento repressor empreendido pelo Estado aos revoltosos. Desta forma, a crítica da charge aparece principalmente na fala de Sabino, ficando evidente o apelo por respeito às causas defendidas por ele.

Figura 4 – Sabinada (Segunda charge)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A segunda charge traz o recorte temporal do encerramento da revolta. Mostrando um diálogo entre dois personagens, onde é salientada a estratégia do regente Araújo Lima e das forças armadas para debelar a revolta. Logo fica explícito a naturalidade que o personagem, aparentemente o superior na hierarquia militar, traça estratégias violentas para sufocar violentamente o movimento e poupar determinados grupos que pactuavam com seus interesses. Com isso, percebe-se a intolerância por parte do Estado em lidar com situações conflituosas que ficaram expressas tanto nos elevados números de mortos, quanto no âmbito simbólico, pois como afirma Daniel Correia a violência “Não precisa ser direcionada, nem ter intenções aniquiladoras. O alvo é quem sente as mazelas da dor. Quem agride, geralmente, não entende ou vê a situação criada como um espaço de agressão, de dor, de perda – ou seja, de violência.” (Correia, 2014, p. 08).

Ainda há na charge uma ambiguidade em relação ao militar da esquerda, se ele seria algum general ou se seria o próprio regente. Pois este, não tinha carreira militar, apesar de ser jurista. Outro detalhe está presente no texto no “condado baiano”, que não se encaixa no período histórico retratado, talvez a equipe quisesse dizer “recôncavo



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

baiano”. Contudo, o conteúdo tem relação com a revolta e foca principalmente em como ela foi reprimida. Apesar de não explorar o lado cômico, os personagens foram desenhados de forma exagerada e nos textos trouxeram contextos históricos.

Figura 5 – Sabinada (Terceira charge)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A última produção apresenta título, mas não faz referência temporal e nem deixando claro qual seria o conteúdo retratado. Ela traz uma ligação com a atualidade, através dos personagens escolhidos, da turma da Mônica, associando-os a ideia de conflito entre lados opostos, que se conectaram aos interesses defendidos no decorrer da Sabinada. Destacando assim, o interesse separatista dos revoltosos de forma provisória contra aqueles que queriam permanecer com a regência de Araújo Lima. O elemento cômico fica a cargo da própria narrativa que envolve os personagens Mônica e Cebolinha. Contudo, a charge não traz uma crítica social abrangente, apenas explicita o conflito de interesses dos envolvidos e a ausência de consenso gerado pelo conflito armado.

Figura 6 – Farrroupilha



Fonte: Acervo pessoal (2024).



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

A equipe da Farroupilha que produziu a charge da figura 6, produziu-na em formato diferenciado, quatro quadros que fogem do padrão do formato de charge, e foi elaborada no Canva. Retratam personagens, como o cobrador de impostos ligado às forças militares e dois comerciantes, que pela vestimenta e até a cor da pele, aparentam pertencer à elite. Traz como elemento cômico as motivações da revolta, por causa de dinheiro, principalmente pela cobrança de impostos sobre o charque envolvendo estancieiros rio-grandenses em relação aos estancieiros argentinos e uruguaios. No último quadrinho, os personagens são retratados em combate direto destacando seus armamentos, em cenário ambiental característico do estado. Distingue-se ainda, no conflito os farroupilhas com a suabandeira, apesar de não terem situado a cor vermelha e sim a branca no centro.

Diante do exposto, as criações das equipes apresentaram informações coerentes dos conflitos históricos. Algumas equipes conseguiram expressar melhor seu tema, aplicando as características de uma charge, como o traço desproporcional dos personagens, a crítica e a comicidade. Dessa forma, os alunos conseguiram identificar o recorte temporal, os grupos envolvidos, as motivações, o desenrolar das revoltas, os preconceitos e a violência. Ademais, vale ressaltar que, estas informações ficaram mais explícitas na apresentação oral das equipes, do que nas próprias charges.

Alguns elementos poderiam ter sido melhor explorados nas charges, como por exemplo o maior destaque das lideranças dos revoltosos que não fossem da elite e suas reivindicações. Todavia, alguns alunos conseguiram relacionar sua temática com a atual realidade brasileira. Portanto, a metodologia se mostrou eficiente no protagonismo estudantil, principalmente no estímulo à pesquisa e a criatividade, em relação a um conteúdo normalmente considerado desinteressante.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas aulas propostas sobre o Período Regencial Brasileiro e suas revoltas, mergulhamos em um período crucial da história do Brasil, marcado por instabilidades políticas, conflitos sociais e a busca por um caminho estável para a nação recém-independente. Ao invés de uma mera apresentação de fatos e datas, as aulas se transformaram em um espaço de investigação, reflexão crítica e produção de conhecimento. Desta forma, as charges, elementos visuais carregados de humor e crítica social, se tornaram protagonistas nesse processo, instigando os alunos a irem além do senso comum e repensarem as narrativas históricas.

Percebeu-se ao longo da experiência descrita ao longo do artigo, que utilizar a produção de charges no ensino de história em sala de aula proporciona uma aprendizagem mais significativa. Desde que, seja bem planejado, com uma explicação teórica prévia do contexto histórico a ser trabalhado. Deixando o espaço na aula aberto para as falas e questionamentos dos estudantes. Disponibilizando material, como fontes históricas, aos discentes como fonte de pesquisa, assim como a internet. Além de, instigar o aluno a produzir o seu material (no caso estudado foram charges) que exponha sua compreensão histórica. Inclusive ao final, podendo ser exposto às produções e compartilhadas com os pares para maiores problematizações.

Nesse viés, a produção das charges foi um ponto alto da experiência. Cada grupo, munido de criatividade e conhecimento histórico, deu vida aos personagens, situações e contradições do período estudado. Assim como, produções expostas na sala de aula tornaram-se um rico mural de interpretações e debates, um convite à reflexão sobre os diferentes olhares sobre a história. É importante ressaltar que, utilizar charge no ensino de história não se restringe apenas a produção das mesmas, mas também, a análise de alguma já pré-existente de acordo com o conteúdo histórico.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Este trabalho objetivou explorar a charge e as metodologias ativas como instrumentos relevantes no ensino significativo de história. Concluindo ainda que, ao longo das aulas, observou-se o desenvolvimento de diversas habilidades nos alunos, como: aprenderam a questionar e contextualizar os eventos, colaboraram entre si, dividindo tarefas, buscando soluções e respeitando opiniões diferentes, expressaram suas ideias e conhecimentos de forma criativa, tanto oralmente quanto por meio das charges (que revelaram originalidade, senso de humor e compreensão crítica do período histórico), além do estímulo à pesquisa para embasar suas criações.

Desse modo, o desenvolvido não foi esmero, e nem poderia ser, visto que, a prática de sala de aula é desafiadora ou até mesmo incalculável, pois ainda foi visualizado alunos apáticos e pouco colaborativos com o trabalho, além de algumas charges não terem aprofundado uma crítica sobre sua temática, sendo o elemento de destaque desse gênero. Conclui-se que, a experiência poderia ter sido mais proveitosa, se tivesse ocorrido a análise prévia de algumas charges, com questionamentos que propiciassem melhor entendimento de sua estrutura às equipes, assim como, fontes históricas sobre as revoltas, não deixando os alunos dependerem da internet como fonte principal de pesquisa.

Em conclusão, esta experiência demonstra o potencial transformador das metodologias ativas no ensino significativo de história, contando inicialmente com aula expositiva-teórica. Em continuidade, os alunos tornaram-se o centro do processo de aprendizagem, os quais obtiveram um ambiente para desenvolver habilidades históricas ao produzirem as charges. Dessarte, para além dos resultados observados em sala de aula, almeja-se que esta experiência seja um estímulo aos professores de história ao planejarem suas aulas sobre o Período Regencial. Deixando em aberto, demais possibilidades de inclusão de charges, metodologias ativas, além da aula expositiva no ensino de história.

## REFERÊNCIAS

BASILE, Marcello. Revoltas regenciais na Corte: o movimento de 17 de abril de 1832. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.259-298, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6358/3809> Acesso em: 30 mai. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**/ Circe Maria Fernandes Bittencourt. 2ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção**/ Eduardo Bueno - São Paulo: Leya, 2010.

CABRAL, Itamar Benedito Araujo. **Diálogo freiriano e charges no ensino de história: uma perspectiva de aprendizagem na aula de história** / Itamar Benedito Araujo Cabral. - João Pessoa, 2022.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de História?. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

CEARÁ. Secretaria da Educação. Documento Curricular Referencial do Ceará: ensino médio. Fortaleza, 2021.

CORREIA, Daniel Camurça. O papel dos magistrados na dinâmica do Estado: entre a tolerância e a violência. P. 201-219. **Anais do XXII Congresso Nacional CONPEDI**, 2014. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/publicacao/ufpb/livro.php?gt=235> Acesso em: 06 jun. 2024.

DESAFIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA E PRÁTICA DOCENTE. Organizadores e Autores. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2018.14x20 cm. 273p.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados/ Selva Guimarães Fonseca - Campinas, SP: Papirus, 2003.

GOMES, Susy Ferreira. Charge: gênero discursivo e seu uso em sala de aula. **Revista de Letras JUÇARA**, Caxias – Maranhão, v. 01, n. 02, p. 125 – 137, Dez. 2017.

GONÇALVES, Ítalo Bruno Paiva. As contribuições da charge para ensino de História. **Revista Multidebates**, v.3, n.1. Palmas-TO, março de 2019.

LITZ, Valesca Giordano. **O uso da imagem no ensino de história** [livro eletrônico]. Secretaria de Estado da Educação. Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf> Acesso em: 17 abr. 2024.

MOTA, Ana Rita; ROSA, Cleci T. Werner da. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Espaço pedagógico**. v. 25, n. 2, Passo Fundo, p. 261-276, maio/ago. 2018| Disponível em: [www.upf.br/seer/index.php/rep](http://www.upf.br/seer/index.php/rep) Acesso em: 25 mai. 2024.

ROMERO, Marcelo. Charge: história e conceito. **CES REVISTA**, Juiz de Fora, v. 28, n. 1. p. 17-27, jan./dez. 2014.

\_\_\_\_\_. A charge como fonte histórica e ferramenta didática no ensino de História. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, jan.- jun. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**/ Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling - 2ª ed. - São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SILVA, Neles Maia da. **Para além do riso** [livro eletrônico]: charges, consciência histórica e Ensino de História / Neles Maia da Silva. – Ananindeua: Cabana, 2022. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/671536655/Neles-Para-Alem-do-Riso> Acesso em: 10 abr. 2024.

SILVA, Maria Lúcia Alves Teixeira. Ensino de História: metodologias ativas e aprendizagem significativa. **Revista Informação em Cultura**. Mossoró, v. 3, n. 2, p. 27-46, jul./dez. 2021.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005 297. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 05 mai. 2024.